

O PÉ NA ESCOLA: O ESTÁGIO NA FORMAÇÃO INICIAL DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

DRA. VALDELAINÉ DA ROSA MENDES
DR. MÁRCIO XAVIER BONORINO FIGUEIREDO
DR. LUIZ FERNANDO CAMARGO VERONEZ
DRA. LUCIANA MARINS PEIL
Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, RS, Brasil
valrosamendes@uol.com.br

Introdução

Desde 2006 o Curso de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, sofreu mudanças importantes em sua estrutura. A separação em um curso de bacharelado e em outro de licenciatura trouxe um conjunto de dúvidas para o processo de formação. Afinal, qual o perfil de profissional que se almeja formar em cada uma das habilitações?

Embora relevante para as discussões aqui apresentadas, não é propósito deste texto é discutir a separação da formação. Aqui é objetivo analisar e discutir, a partir da experiência de estágio, as dificuldades apresentadas pelos estudantes durante a realização do primeiro estágio da formação, que ocorre na pré-escola e nas séries iniciais do ensino fundamental.

A necessidade de realizar tal análise decorre de algumas situações vivenciadas por um grupo de professores, ao longo de um ano de trabalho, com estudantes do Curso de Licenciatura em Educação Física. Queremos nesta escrita identificar no processo de formação inicial qual visão de trabalho na escola permeia os projetos de exercício docente dos estudantes, bem como, analisar qual a sua percepção da formação e do papel da universidade nesse processo. As opiniões constantes aqui fazem parte das diferentes percepções dos professores e professoras que atuaram no estágio e que foram registrados em seus diários de trabalho e nos artigos de conclusão.

Este estudo seguiu as orientações das metodologias qualitativas de pesquisa (Triviños, 1992) que para seu desenvolvimento contou com um conjunto de registros em diário de campo realizados por professores da Universidade Federal de Pelotas ao longo de um ano letivo. Além dos registros dos docentes utilizou-se nesta reflexão o material produzido pelos alunos no dia-a-dia na escola e ao final do semestre letivo em um artigo reflexivo que cada um deveria elaborar.

Características do estágio estudado

A opção por desenvolver os estágios apenas na rede municipal de ensino deveu-se a constatação de que somente nessa rede encontram-se professores de educação física para atuar na pré-escola e nas séries iniciais do ensino fundamental. Na rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul, há um único professor que trabalha com todos os componentes curriculares nessa fase do processo de ensino. Mesmo assim, poder-se-ia fazer a opção por trabalhar também na rede estadual, porém como se tratava de uma primeira experiência de estágio no novo formato de formação, julgou-se mais adequado concentrar na rede municipal que já tinha um trabalho mais sistematizado com a educação física.

Definida a rede, passou-se ao momento de definição do formato dos estágios e da escolha das escolas. Foi acordado com a Secretaria Municipal de Educação (SME) que o estágio seria desenvolvido durante o 2º semestre letivo e que cada estagiário deveria ficar com uma turma sob sua responsabilidade. Ficou também acordado, por sugestão da SME, que não se colocaria mais de cinco estagiários em cada instituição, pois um número grande de pessoas novas poderia modificar muito a rotina da escola e comprometer a organização já estabelecida naquele espaço. A partir da definição do número de alunos por escola, definiram-se então quantos seriam os espaços de realização do estágio.

Foram então definidas oito escolas. A definição das escolas para realização dos estágios ocorreu a partir de algumas reuniões que contou com a presença de membros da Secretaria Municipal de Educação de Pelotas e professores da universidade. Nesse momento, eram avaliadas quais seriam as melhores possibilidades de estágio, bem como, quais escolas poderiam oferecer oportunidades significativas para o exercício docente dos estagiários.

Todas as escolas situadas em bairros da cidade de Pelotas. Algumas situadas em locais tidos como de alta vulnerabilidade social em que o tráfico de drogas, a violência e a criminalidade apresentam-se como elementos do cotidiano das pessoas que lá residem. De fato, em especial três das oito escolas escolhidas estão situadas em locais cujas demandas humanas são de toda a natureza. Falta saneamento básico, moradia digna, vestuário apropriado à temperatura e ao clima, alimento... Entretanto, observou-se que não foi somente nessas escolas que os alunos apresentam carências de naturezas diversas. Isso significa que, mesmo em escolas cujo entorno é composto de uma realidade mais favorecida economicamente, estudam alunos que vêm de bairros distantes e que demonstram ter poucos agasalhos e pouco alimento em casa. Para ilustrar esse dado, pode-se aqui lembrar do dia em que uma menina disse a professora que só tinha ido à escola porque estava com fome e queria merendar. Uma outra situação da mesma natureza foi a que ocorreu em um dia em que um grupo de crianças invadiu a sala da merenda e saqueou as bolachas que deveriam ser servidas aos alunos da escola.

Em maio de 2008, os docentes responsáveis pela disciplina já tinham tudo organizado para o estágio que seria realizado no segundo semestre letivo. Inclusive, já havia ocorrido uma reunião na SME com a direção de

todas as escolas que receberiam os estagiários. Assim, feita a escolha das escolas e do formato dos estágios, passou-se ao momento de definição das escolas e das turmas que ficariam sob a responsabilidade de cada acadêmico, o que ocorreu em maio de 2008. Esse é um momento que merece destaque neste ensaio, dado o início de um movimento contrário a realização do estágio em determinados espaços.

Logo após a colocação das escolas no quadro da sala de aula na universidade, alguns acadêmicos apresentaram questionamentos do tipo: por que foram essas as escolas escolhidas? Por que vocês vão nos mandar para esses locais? Além dos questionamentos, percebeu-se certa ironia de alguns acadêmicos que não se julgavam em condições de enfrentar a realidade. Após muitas explicações sobre o porquê da escolha das escolas para o estágio, foram definidas as turmas por cada um dos acadêmicos. Muitos demonstraram indignação por ter que atuar em determinadas escolas. Essa repulsa foi mais forte em duas das oito escolas. Houve resistências para trabalhar nesses espaços situados em comunidades menos favorecidas economicamente. Além disso, o grupo de estagiários apresentou outras resistências ao longo do semestre, como por exemplo, as leituras e aos estudos.

PÉ NA ESCOLA: Interrogações iniciais...

As resistências, a visão que os acadêmicos apresentavam antes de chegar às escolas, visão que emerge após a inserção nesses espaços, o que elas indicam de avanços, conhecimentos, percepções. O que fica desse processo?

As escolhas das temáticas para reflexões – os artigos o que eles permitem “ver”? A metodologia deste trabalho se pautou nas escritas constante nos Diários de Bordo dos acadêmicos, nos artigos finais do estágio, portanto, buscamos extrair desses materiais aqueles diálogos que permitem fazer uma reflexão processo vivido, através de fragmentos de falas significativas e das observadas realizadas nas escolas. Interrogamos como aparece a Educação Física na visão dos estagiários, das educadoras da escola, das crianças, das famílias, em fim como a vida circula nesses espaços onde os estágios foram realizados? Que “cenas” constam nos artigos, diários e o que de significativo ficou nesse processo de formação? O que é preciso na prática de ensino-estágio mudar?

Vejamos alguns fragmentos de escritas fisgadas dos Diários trazem temáticas, fotografias, vestígios, talvez àquilo que (Bosi, 2004, p. 49) chama de memória-hábito como aquela que:

Adquire-se pelo esforço da atenção e pela repetição de gestos ou palavras. Ela é – embora Bérqson se ocupe explicitamente desse fator – um processo que se dá pelas exigências da socialização. Trata-se de um exercício que retomado até a fixação, transforma-se em hábito, em um serviço para a vida cotidiana.

Aquelas rotinas que foram incorporadas nos gestos, nas falas, nas ações e são realizadas de forma automática e que já pertencem às práticas cotidianas enquanto a memória-sonho não tem um caráter mecânico, mas evocativo. Na mesma página a autora enfatiza que: “... a lembrança pura, quando se atualiza na imagem-lembrança, traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida. Daí o caráter não mecânico, mas evocativo, do seu aparecimento por via da memória”.

Algumas cenas retiradas dos artigos dos estágios mostram os olhares dos estagiários em suas primeiras ações nas escolas. Gonçalves (2008, p. 2) rabisca no Diário que:

No caminho para a escola se percebe ao redor muitas casas bem estruturadas grande e bem planejadas em uma avenida pavimentada que remetem a um nível sócio-econômico de médio para alto, das famílias que ali residem. Por outro lado, apesar de estar localizada próxima, a escola observada se encontra rodeada por ruas em precárias condições, bem como casas notoriamente mais simples do que as relatadas no cenário anterior. Dessa forma, o antagonismo verificado na região, confirma uma situação de exacerbada diferença de classes sociais em uma mesma localidade.

Aparece em outro artigo uma reflexão sobre a escola, os convites a entrar no jogo estabelecido, a integrar um cotidiano que muitas vezes os integrantes das escolas já não se perguntam sobre o porquê de determinadas posturas, dos significados de suas ações, das escolhas dos conteúdos, das propostas pedagógica, das interações com a comunidade:

Eis, o que Romano (2008, p.1) enfatiza:

No início de minha prática houve certa resistência quanto a forma que pretendia trabalhar com eles, cobrando e exigindo determinadas atitudes que os meus alunos não estavam acostumados preparados para aceita-los e, tão pouco praticá-las. Neste primeiro momento foi muito frustrante, fazendo-me repensar se tinha realmente escolhido a profissão correta, levando-me a possibilidade de abandonar tudo, mas desistir da profissão de professora seria desistir de um sonho e isso era inadmissível, por isso resolvi conhecer a realidade daquelas crianças e depois buscar alternativas para desenvolver o trabalho.

Em outro fragmento do Diário de Campo constante no artigo de Gonçalves (2008, p. 8) leva-nos ao seu processo de autoformação:

Ainda sinto-me inseguro como professor, mas da primeira para segunda aula, percebi, por meio do retorno das crianças, que estou conquistando-as aos poucos [...]. Percebi, também, que a cada aula obtenho idéias mais claras de como agir e estruturar os

próximos encontros. Acredito que isso seja um processo natural que se dá com a convivência com a turma.

Vimos acima cenas, situações vivenciadas nas escolas durante os estágios, que nos dão indicativos dos primeiros olhares ao colocar o pé na escola, ao entrar em contato com a realidade que permeiam esses espaços.

Blank (2008, p. 6) grafa no artigo uma passagem do seu Diário de Campo quando durante uma aula pedia atenção às crianças que não a atendiam, e um dos meninos dizia: “Professora, quando a gente tinha aula com o professor Fulano não tinha isso de ficar pedindo pra gente se comportar, ele dava um grito e batia na mesa com toda a força e todo mundo parava”.

Em outro momento em uma conversa informal da estagiária com as crianças há indicativos da concepção de respeito para essa turma. Nos registros de Blank (2008, p. 6) está expresso que: “Ah, nos primeiros dias quando o professor começou a dar aula e procurar resolver tudo na conversa, a gente não estava nem aí pra ele, mas depois, teve um dia que ele se irritou e bateu com a mão no quadro e deu um baita grito, aí ele ganhou respeito”.

A frase: – “Aí ele ganhou respeito” nos mostra as vivências, as concepções de respeito presentes na vida dessas crianças, das ações dos professores e professoras em suas práticas pedagógicas, que muitas vezes, se pauta numa concepção autoritária de educação nos dizeres de Freire (2004).

Diálogos que nascem do cotidiano

Nas conversas que mantínhamos as segundas-feiras nas aulas toda vez que era mencionado que em breve os acadêmicos e as acadêmicas estariam nas escolas desenvolvendo seus estágios em um passe de mágica as expressões se transformavam, as falas se tornavam irônicas, havia desconforto nos corpos que se remexiam nas cadeiras e demonstração de resistências quanto às escolas escolhidas nos bairros da periferia de Pelotas. Olhares que denunciavam que estávamos cometendo um crime ao fazer uma opção por esses espaços esquecidos pelas universidades, governantes e pelas políticas públicas. Será que lá a vida é de terceira categoria? Nesses momentos surgiam falas como: Por que essas escolas? Lá tem assalto, drogas, pobreza, fome, etc.

Fazendo uma reflexão nos perguntamos: Por que acontece isso com os futuros professores e professoras? Pessoas que vivenciaram no mínimo nove anos como estudantes, hoje quando em processo de formação, para se tornarem professores e professoras, resistem a colocarem o pé nos antigos espaços outrora trilhados na condição de estudante? Será medo de um reencontro com as memórias esquecidas, perdidas nos baús dos tempos? Será medo de deixar “o jeito de estudante” para começar “um jeito de ser professor? Serão as responsabilidades que terão que assumir – planejar aulas desenvolve-las, avaliar crianças, adolescentes, jovens em processo de formação? Será falta de confiança em si, nos conhecimentos adquiridos na academia, no cotidiano desconhecido das escolas na função de educadores que terão que assumir? Será “falta” de confiança, de determinação pela responsabilidade de ser o condutor do próprio processo de formação como educadores e educadoras abertas as escutas, aos diálogos, as reflexões-ações-reflexões sistemáticas de si, das crianças, das escolas, dos alaridos dos pátios, dos silêncios das salas, do poder simbólico dos corpos, dos muros, dos portões de ferro, dos cadeados, das chaves, dos horários que seguem um ritual empoeirado e cinzento ladeado por ruas mal cheirosas e sinuosas? O que é mesmo que pega? Que anúncios as corporeidades das crianças, dos professores, professoras, funcionários, pais e mães nos oferecem para fazer uma “leitura” do entorno das escolas, das culturas que a vivem?

Na obra *Ofício de Mestre* Arroyo (2002, p. 19) expressa que: “Quanto mais nos aproximamos do cotidiano escolar mais nos convencemos de que ainda a escola gira em torno dos professores, de seu ofício, de sua qualificação e profissionalismo. São eles e elas que a fazem e reinventam”. Será que os estagiários têm medo da reinvenção do ofício de mestre, de sua qualificação e profissionalismo que terão que enfrentar após a passagem pelo processo de formação, estágio e formatura? Serão as dificuldades em reinventar os conhecimentos auferidos na universidade no cotidiano das salas de aula das escolas de periferia? Será o medo de reinventar-se, de reinventar as ações pedagógicas como educadores iniciantes diante das transformações do mundo globalizado, das novas tecnologias? Será medo a transgredir às “velhas” propostas pedagógicas da Educação Física que ainda vivem nas escolas e não seduzem as crianças e professores? Serão os medos de se tornarem educadores mais comprometidos com uma ética centrada na vida?

Arroyo (2000, p. 66) diz o que é necessário aos educadores:

Recuperar a humanidade roubada supõe ainda que nós, adultos, nos revelamos tão humanos quanto os educandos. Nosso ofício é revelar as leis da natureza, a produção do espaço, da vida, ensinar matérias..., mas, sobretudo relevar-nos às novas gerações, revelar a humanidade, a cultura, os significados que aprendemos e que vêm sendo aprendidos na história do desenvolvimento cultural.

Numa síntese provisória das idéias do autor poderíamos dizer que é urgente criar interações, transgredir normas, educar, revelar saberes, revelar os percursos humanos do próprio educador, os significados e recuperar a humanidade roubada.

Aqui perguntamos como ter abertura para estas possibilidades num processo de estágio? Alguns fragmentos de falas pinçados dos diários, dos artigos de alguns estudantes dão indicativos deste processo de autorizar-se a enfrentar e romper com o cotidiano das escolas que muitas vezes convidam a continuar no ritmo, na cultura desses espaços.

Consta no diário de Scherer (2008, p.10-11) o registro de quando em aula, numa terceira série do Ensino Fundamental, "Os meninos ficam pedindo futebol; a gente joga com as meninas"; "Fulano disse que sou "nova" para ele, então ele vai ficar me testando, chamando a atenção, chorando"; "Sinto que neste ponto tenho que ser professora, mas mostrar a eles gestos de carinho, me importar, ser compreensiva, mas, sobretudo que vejam que quero que eles sejam pessoas".

Em um trecho do Diário de Campo de Reis (2008, p. 7) a descrição de uma situação na aula de Educação Física.

É notável os conflitos ou implicâncias que alguns alunos tem com outros. Em certo momento da aula de Educação Física dois alunos começaram a discutir de forma acintosa não demorando muito para falarem palavras de baixo calão e em seguida trocaram socos e chutes no meio do pátio. Enquanto isso, o professor atendia um dos pais na secretaria da Escola.

Interrogamos qual é mesmo a função do professor, professora numa escola? Será a de fazer de tudo e muitas vezes não conseguir seguir minimamente o planejado?

Muitas vezes as crianças queriam aulas livres e justificavam que elas poderiam fazer o que quisessem e o professor ou professora não se incomodaria. Um convite muitas vezes aceita pelos desavisados – a negação de seu ofício de mestre.

Já, na escrita Gonçalves (2008, p. 8-9) aparecem indicativos da percepção de Educação Física de uma das meninas do grupo de crianças:

Professor - (...) Pergunto se alguém teria algo a propor para que, meus encontros com a turma fossem mais envolventes. Em seguida, uma das meninas, que dificilmente participa das atividades diz:

Aluna – Professor, é simples, acho que o senhor tem que dar aula livre pra gente!

Professor – Como assim aula livre? O que é aula livre?

Aluna – É muito mais fácil deixar a gente livre no pátio, cada um joga o que quer e ninguém incomoda o senhor.

Esse conjunto de situações, aqui brevemente descritas, ajudam a compreender as dificuldades enfrentadas pelos estagiários quando vão para a escola. As dificuldades são decorrentes tanto de uma falsa idéia de que serão encontrados alunos dóceis e obedientes na escola, quanto da percepção de que o exercício docente não se realiza em localidades com maiores dificuldades econômicas e sociais. Outros argumentos identificados que podem aqui ser elencados sobre a resistência dos estagiários ao exercício docente são: a universidade está descolada da prática e da realidade; para as dificuldades devem haver soluções e respostas prontas; não há necessidade de planejamento para o trabalho escolar; não é necessário trabalhar coletivamente, pois as soluções para as dificuldades devem ser buscadas individualmente.

Além disso, ainda aparecem as questões específicas da educação física, como a compreensão presente na escola de que se trata de um espaço desprovido de aprendizagens, de rotinas e de intencionalidades. Essa visão, muito presente nas escolas aqui estudadas, em especial, nas constantes solicitações das crianças e adolescentes por "aulas livres", gera conflito para o acadêmico que está na formação inicial, já que tudo aquilo que ele aprende nos bancos universitários parece ter pouco ou nenhum significado quando põe o "pé na escola".

Referências:

- ARROYO, M. G. *Ofício de Mestre: Imagens e auto-imagens*. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 2002.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ESPIGA, A. *A importância dos jogos cooperativos nas séries iniciais*. Pelotas: ESEF/UFPEL, 2008. (Artigo Prática de Ensino)
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- GONÇALVES, A. V. L. *Um olhar para o cotidiano da Educação Física numa Escola municipal de Pelotas/Rs*. ESEF/UFPEL, 2008. (Artigo Prática de Ensino).
- REIS, M. C. *A violência e a agressividade como fatores influenciadores na Educação Física escolar*. Pelotas: ESEF/UFPEL, 2008.
- ROMANO, L. B. *A influência da estrutura familiar no desenvolvimento da criança*. Pelotas/RS: ESEF/UFPEL, 2008. (Artigo Prática de Ensino).
- SCHERER, S. *Diário de registro do estágio de Pré a quarta série do Ensino Fundamental*. Pelotas: ESEF/UFPEL, 2008.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1992.

Valdelaine Mendes
Rua Barão de Butuí, 281/ 702
Pelotas – RS
CEP: 96010330
valrosamendes@uol.com.br